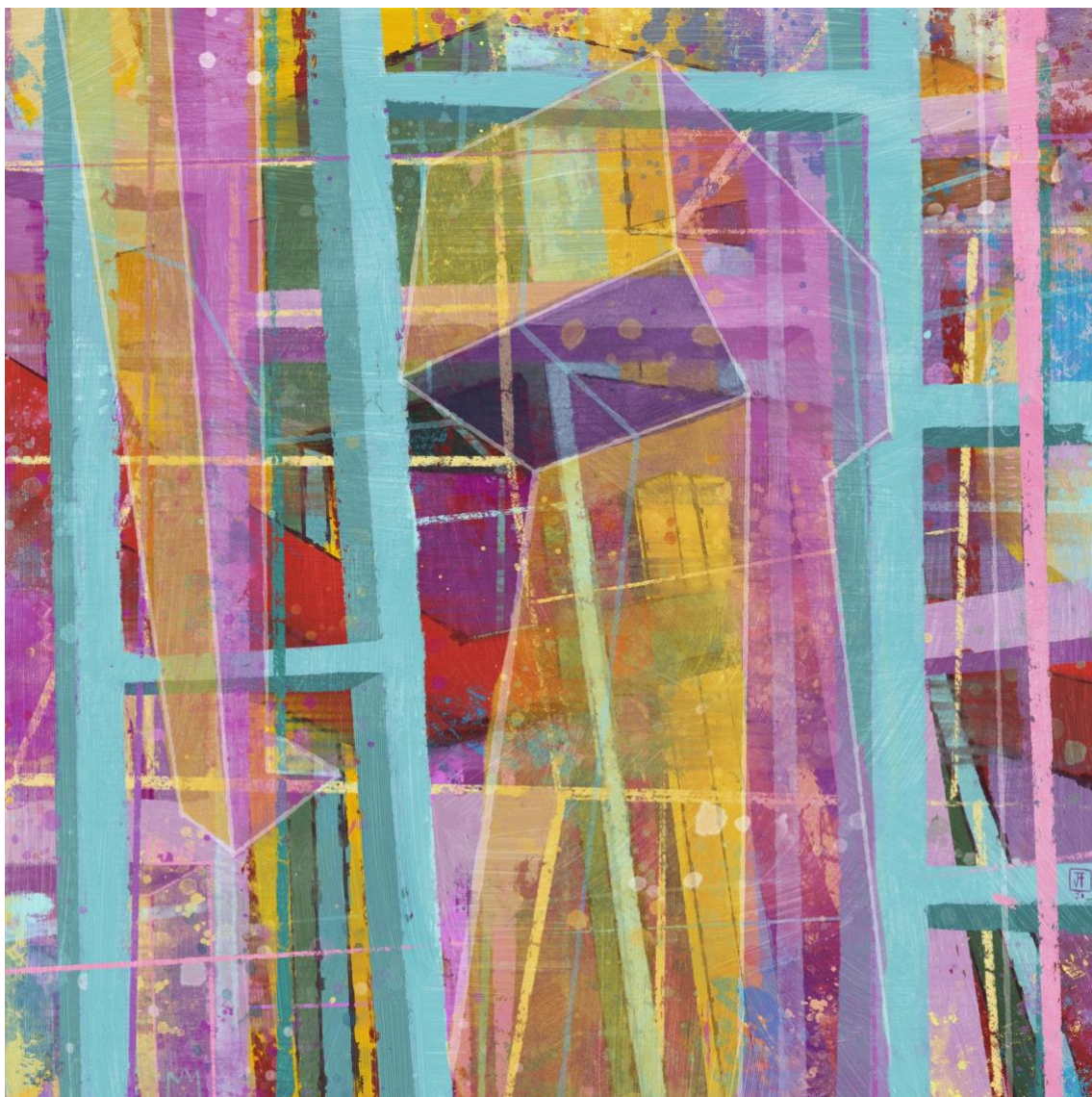


OS PROFESSORES QUE NUNCA MORREM

Narrativas sobre o *meu melhor professor*



José Matias Alves (org.)

Porto, abril de 2022

Ficha técnica

Título: Os professores que nunca morrem - Narrativas sobre o *meu melhor professor*

Editor: José Matias Alves

Colaboração: Rosário Queirós

Prefácio: José Matias Alves

Autores: Profissionais de diversas áreas do conhecimento que narram as memórias de professores marcantes

Local de edição: Porto

Publicação: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Data de edição: abril de 2022

ISBN: 978-989-53098-8-7

Imagem de capa: José António Fundo

Índice

<i>Nos labirintos do ser professor.....</i>	<i>5</i>
<i>1. Configurou sentido à minha vida profissional e pessoal.....</i>	<i>16</i>
<i>2. Recordar a figura desmesurada e cortês</i>	<i>16</i>
<i>3. Aprendi o prazer da descoberta</i>	<i>17</i>
<i>4. A sua autenticidade, a capacidade de escuta e de clarificação de expectativas, a ética da responsabilidade e do compromisso, a capacidade de relação interpessoal, a exigência.....</i>	<i>18</i>
<i>5. Competência, exigência, simpatia, beleza.</i>	<i>20</i>
<i>6. Miguel Leitão, um filósofo romântico que me inspirou a seguir filosofia</i>	<i>20</i>
<i>7. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa.....</i>	<i>22</i>
<i>8. Fez a diferença na minha vida.....</i>	<i>25</i>
<i>9. A ele devo muito do que fui alcançando ao longo da minha vida</i>	<i>26</i>
<i>10. Um Mestre.....</i>	<i>27</i>
<i>11. O respeito que lhe tínhamos era sinónimo do quanto a admirávamos.....</i>	<i>27</i>
<i>12. Tempos tão marcantes.....</i>	<i>29</i>
<i>13. É sempre com grande emoção que recordo os momentos vividos e partilhados com aquela professora extraordinária.....</i>	<i>31</i>
<i>14. Todos de uma forma mais ou menos relevante terão tido influência no meu modo de estar, na minha personalidade e na minha forma de viver.....</i>	<i>32</i>
<i>15. Querida Professora Fátima!</i>	<i>35</i>
<i>16. Lembro-me do professor da primária que puxava sempre por nós e nos fazia ser melhores.</i>	<i>36</i>
<i>17. Comunicação, conhecimento e empatia.</i>	<i>37</i>
<i>18. Sabia que tratar de forma igual o que é diferente não era justo.....</i>	<i>37</i>
<i>19. Um relâmpago na nossa adolescência, a Manuela</i>	<i>39</i>
<i>20. Como um professor marca a diferença - O trabalho da disciplina de construções</i>	<i>40</i>
<i>João Rangel, Agente de Seguros [42 anos]</i>	<i>40</i>
<i>21. Guardo memória de bons professores do liceu.....</i>	<i>42</i>
<i>22. Uma professora de uma generosidade tremenda e que nos incentivou a fazermos os nossos próprios projetos</i>	<i>42</i>

23. Tive a sorte de conhecer bons docentes e aos quais devo muito do que hoje sou como profissional e (talvez mais) como pessoa	43
24. Foi na primeira aula que percebi que a sua disciplina seria um desafio.....	45
25. Um Mestre.....	46
26. Disse para me sentar na secretaria dela e foi a partir daqui que tudo mudou	46
27. Passava um entusiasmo genuíno pelos conteúdos que ensinava e sorria de satisfação quando discorriamos na direção certa.....	47
28. Admiro a forma como as aulas estavam bem estruturadas	49
29. Mestres que passaram pela minha vida	51
30. Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar	52
31. O(A) Professor(a) que mais me marcou	53
32. 46664.....	54
33. Permitia dar asas à minha criatividade.....	56
34. Sabia explicar que todos somos capazes.....	56
35. Foi o ser humano mais extraordinário	58
36. Aquele professor que me marcou.....	59
37. Gaivota	60
38. Conseguiu que eu acreditasse nas minhas capacidades.....	62
39. Eu achava que ele era uma biblioteca humana, com tanta sapiência!	63
40. E sou grata à professora Baltazar por ter acreditado no meu potencial e por ser uma professora entusiasmada	65

Prefácio

Nos labirintos do ser professor

José Matias Alves¹

Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhe são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, generosidade, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.”

Pierre Bourdieu, 1987

Há muitos anos, escrevi no *Correio da Educação* que dirigi durante 13 anos [1999-2013] (<https://correiodaeducacao.asa.pt/>) anos sob a chancela das Edições ASA, um texto ao qual dei o título de “ser professor”. Foi sob o signo da emoção que o escrevi e aqui o retomo: como marca, como inscrição, como respiração (Alves, 2000).

Ser frágil, relacional, inquieto, perplexo; ser na pluridimensionalidade e imprevisibilidade dos acontecimentos; ser livre no peso dos constrangimentos, nos paradoxos da acção;

ser confrontado com a alteridade do outro, com a indiferença e as ameaças (ex)implícitas; ser público na aparente privacidade da sala de aula; ser mestre e discípulo; ser compassivo e exigente; ensinar com a razão e a emoção; ser numa ordem balcânica e centrífuga, no silêncio que esmaga e no ruído que grita; ser na escuta e na comunicação; ser eu porque há o outro (os outros): ser professor.

Ser numa multiplicidade de interações que exigem uma atividade constante, uma atenção diferenciada, um cumprimento (e uma construção) das regras, ora impostas ora negociadas. Ser numa simultaneidade de ações que convergem e divergem; agir sabendo o imprevisível, às vezes o confronto e o tédio; escutar os não-ditos, acender o desejo de partilhar a dúvida e a angústia existencial numa ordem que torna muito difícil esta postura; viver os dilemas de um ofício (quase) impossível.

¹ <https://orcid.org/0000-0002-9490-9957>

Ser numa ordem desautorizante, calculista e hipócrita que se constrói da mediatização, da aparência e do simulacro. Deambular de texto em texto, de reforma em reforma, que não tocam o essencial. Sofrer em silêncio. Às vezes acreditar. Às vezes partilhar. Ser professor em risco permanente de o não ser.

Porque o outro foge, o outro evade-se do espaço e do tempo escolar.

Daqui decorre que a primeira e essencial reivindicação tenha de ser a das condições de trabalho e o modo (solidário) de trabalhar nas escolas. Por aqui passa a saída-saúde. Por aqui passa a salvação do professor.

Da origem e da metodologia

Os textos que aqui se reúnem foram solicitados através do *google forms* a um universo de pessoas da rede relacional dos organizadores com o pedido seguinte:

Caro(a) Amigo(a)

Depois de termos recolhido mais de 100 narrativas de alunos sobre os modos ver e viver a escola (acessível aqui https://www.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Fev22_VF_.pdf) decidimos procurar recolher narrativas de (ex)professores e de (ex)alunos que registem memórias de excelentes professores que tiveram (em qualquer nível de ensino).

Assim convidamos-te a refletir sobre se algum professor te marcou positivamente durante o teu percurso escolar. E por isso não o esqueceste. Lembras-te dele, porque, por motivos vários, foi para ti um bom professor. E são esses motivos que gostaríamos de conhecer e divulgar. Quem sabe essa experiência pode ser inspiradora para os jovens professores.

Todos nós tivemos aquele professor que, pelos melhores motivos, não esquecemos. É desse que queremos ouvir falar.

Usa então dez minutos do teu tempo para nos dares o teu precioso testemunho numa narrativa com um máximo de 500 palavras (entre uma a duas páginas). No fim teremos uma pequena coletânea sobre os bons professores, sobre o lado iluminado da educação. Contamos mesmo contigo. Mas és inteiramente livre de participar. Se possível até ao dia 31 de março de 2022 ².

Acedes a esta participação voluntária e livre através deste link [omite-se o link, por estar inativo]

Na sequência deste pedido foram recolhidos, via plataforma, 35 textos entre 27 de fevereiro e 31 de março de 2022, sendo de registar 5 que foram enviados por email não entrando na caracterização descritiva que se faz infra. Temos, pois, 40 narrativas que nos

² Inicialmente a data foi fixada em 7 de março e depois prolongada para 31 de março.

evocam as imagens que se conservam dos professores que deixaram para sempre a sua marca.

Dados de caracterização dos respondentes

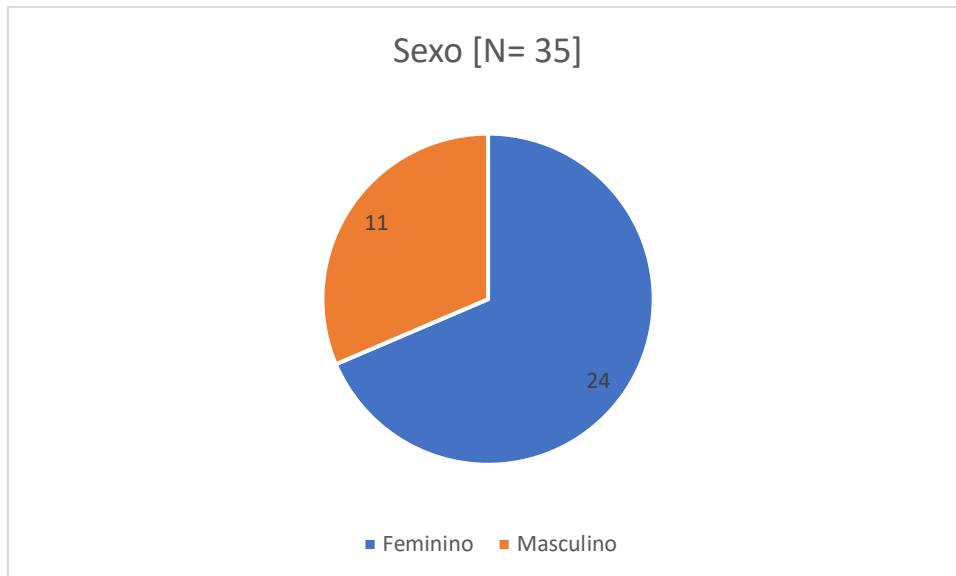


Gráfico 1 – Sexo dos autores

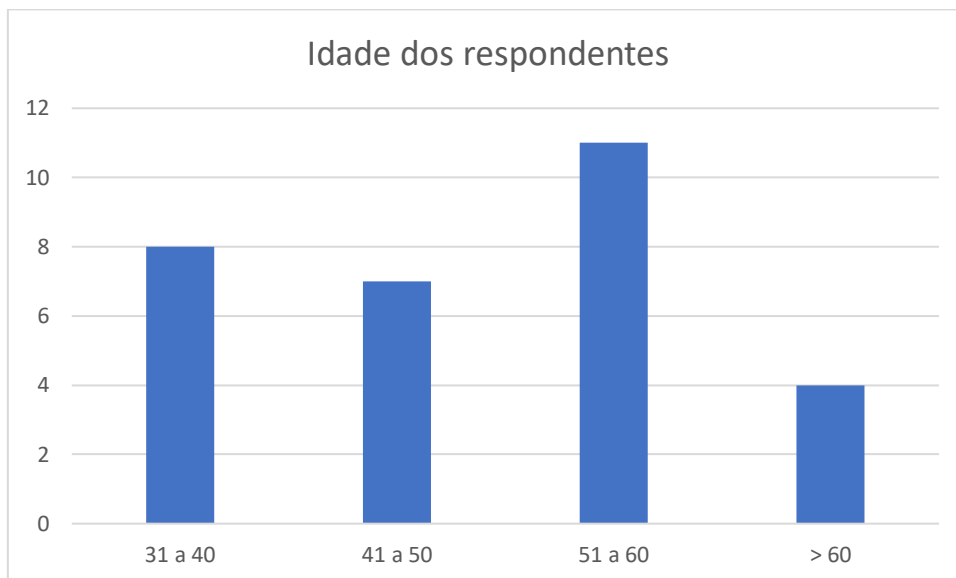


Gráfico 2 – Idade dos autores

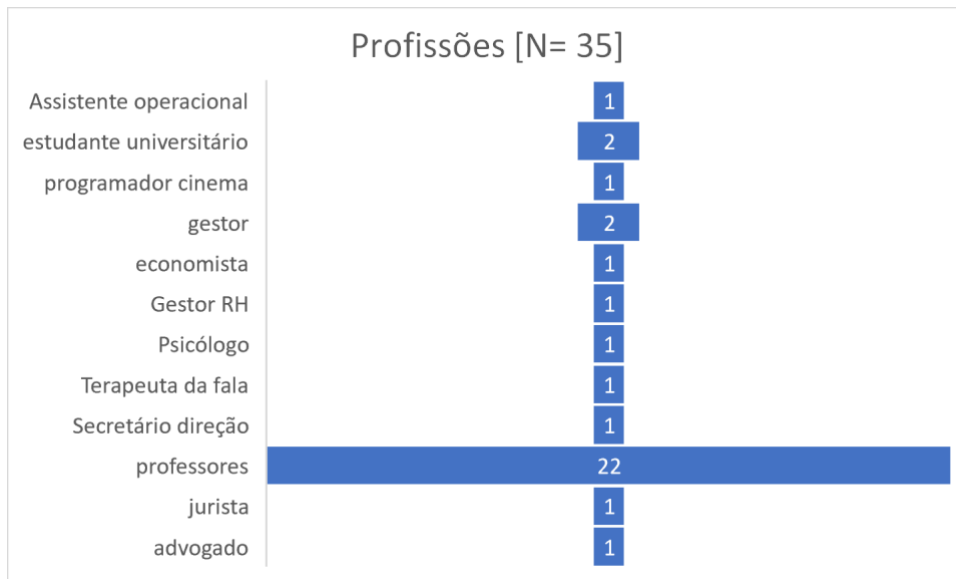


Gráfico 3 – Idade dos autores

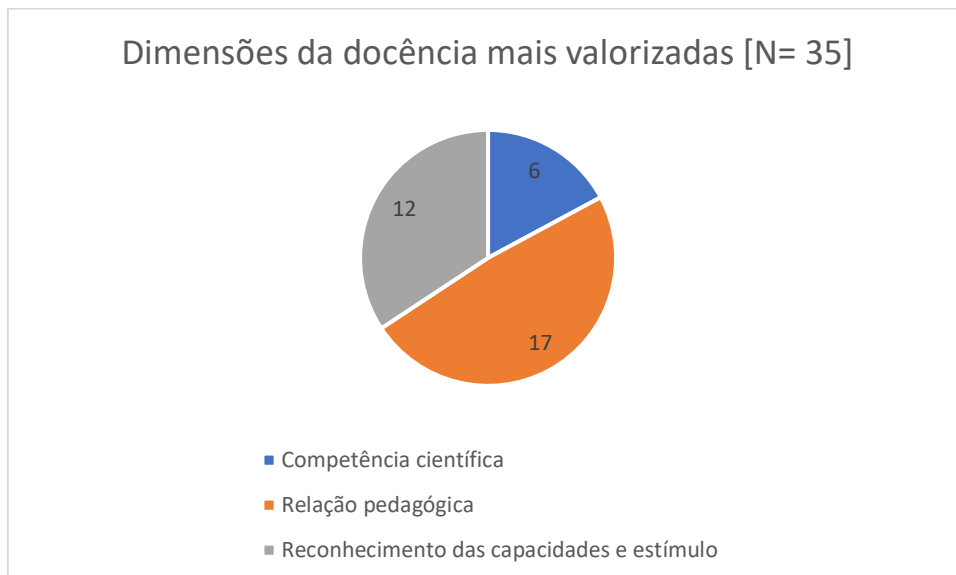


Gráfico 4 - Dimensões da docência mais valorizadas.

Breves notas de leitura

1. Uma profissão complexa

Como refere paradigmaticamente Miguel Santos Guerra, a profissão docente é de elevada complexidade dado o objeto a ensinar e a grande heterogeneidade de disposições e posições dos alunos. Como refere:

A ninguém se oculta que a tarefa que os professores e professoras realizam é extremamente complexa. Porque a natureza da mesma é em si própria problemática, porque os "materiais" com que o professor trabalha (conceitos, ideias, sentimentos, atitudes, valores ...) são extremamente sensíveis, pela diversidade inesgotável dos alunos (alguns resistentes à

aprendizagem), pelas condições em que hoje se realiza essa tarefa (escolas com meios escassos, com pouca autonomia, com grupos de alunos demasiado grandes ...). Além disso, enquanto a escola se empenha em propor um modelo de cidadão ou cidadã, outros agentes sociais seduzem com uma oferta de arquétipos que são diametralmente opostos. (Guerra, 2001)

2. Uma profissão relacional

Como refere Pedro da Cunha (1996), a relação pedagógica é uma construção decisiva e determinante não apenas para o sucesso escolar, mas, sobretudo, para a vida. Como refere, em breve ensaio, a relação pedagógica é construída pelo respeito, fascinação, expectativa, encorajamento, compreensão, confrontação, [consciência e práticas de] consequências, negociação criativa, diálogo, exigência.

E são estas dimensões que constroem o desafio e o enigma da pedagogia.

Como refere Legrand (1988), convocando Meirieu

Quant à la relation pédagogique, "on montre que la tâche du maître est de faire émerger le désir d'apprendre c'est-à-dire, sans doute, de créer l' "énigme" et ce en s'astreignant à faire "varier la distance", c'est-à-dire en restant le "modele" indispensable mais en se retenant d'informer trop vite comme c'est le cas quand on cherche seulement à s'affirmer et à se faire valoir.

Nas narrativas que se dão a ler, é justamente, esta a dimensão que é referenciada como a mais marcante, a mais decisiva e intemporal.

E só para citar alguns exemplos dos textos que se seguem:

A verdade é que a forma peculiar como inicialmente nos abordou e, posteriormente, manteve uma relação pedagógica connosco, configurou sentido à minha vida profissional e pessoal. [1]

Recordo-me que ele me emprestava livros (coisa que eu considerava extraordinária) e colocava-nos a pensar sobre a realidade e sobre nós. (1)

O fascínio conduziu-me à minha profissão e ao caminho para quem eu sou. Sinto uma gratidão profunda. (1)

E falar dela é recordar a figura desmesurada e cortês, que sempre soube encontrar dentro da sala de aula os espaços todos de aprendizagem, colo, disciplina, ordenação de ímpetos infantis para levar o mundo toda à frente. (2)

O que bebi, das suas aulas e das suas palavras, alimentou a autoconfiança na minha capacidade para questionar, procurar respostas e decidir. (3)

Com ela descobri o prazer de procurar os segundos sentidos, a sensibilidade da mensagem, a sutileza da intenção do autor. (3)

Por que era assim o meu professor de Lógica, cativante, apaixonado pelo que ensinava. (3)

Ser um bom professor é também não se deixar acomodar, não deixar de criar situações empolgantes de aprendizagem, dar sentido e propósito à própria aprendizagem, e ele sempre foi um exemplo. (4)

O Miguel Leitão era assim: atento e solidário. (5)

Lembro-me do primeiro texto que nos deu para analisar e do entusiasmo que aquele exercício hermenêutico despertou em mim, retirado de uma obra de Antero de Quental (...) (5)

Agora, à distância, é curioso verificar que muitas das características que me fascinaram nele - a disponibilidade, a alegria e a simpatia, a preocupação em explicar a matéria de forma clara e atrativa para que todos a entendessem e, finalmente, a cumplicidade com a escrita a pensar nos alunos -, todas elas, dizia, são-me hoje atribuídas pela esmagadora maioria dos meus alunos e ex-alunos. (5)

Contra tudo o que então se podia esperar, as suas aulas são a primeira experiência que tenho de liberdade de pensamento, da possibilidade de uma aula ser um lugar de discussão e reflexão. (6)

Mas tinha pela primeira vez Filosofia e aquela professora que iria derrubar todo o meu mundo e por cujas aulas eu ansiava, como um bálsamo terrível. As suas aulas eram o ponto alto da semana. A escola podia ser outra coisa. Agora, como explicar isto? Como pôr em breves palavras tamanha importância? (7)

Éramos postos a pensar com os autores e nunca nenhuma intervenção estava errada – havia sempre um ponto a partir do qual acertar os ponteiros. Incipiente que fosse, havia filosofia naquelas horas. Só isto. E sim, em mim pelo menos, havia encanto. (7)

um dos primeiros sinais de que estamos perante um bom professor. A atenção aos alunos. (7)

Mas devo-lhe mais. Devo-lhe o que muitos têm por defeito próprio e que se me tornou feitio, já me tendo causado dissabores suficientes. Nomeadamente, desconfiar de consensos fáceis e fazer sempre o esforço de olhar para um acontecimento do maior número possível de pontos de vista. (7)

3. Uma profissão impossível

Mas é também uma missão quase impossível. Porque, como referia algures António Nóvoa, a profissão docente requer uma certa colaboração dos alunos pois “não se pode ensinar a quem não quer aprender”. E o primeiro desafio é, pois, procurar descobrir o que está a bloquear a vontade e tentar convocar o estudante para o sentido, a pertinência, a “empregabilidade” social dos saberes que lhe estão a ser propostos.

4. Uma profissão apaixonante

Como explica Day (2004), a profissão de professor só plenamente existir num registo apaixonado. Em relação ao conhecimento e em relação ao outro. E porque mobiliza um alargado conjunto de valores que podem fazer brilhar o olhar: o cuidado, a atenção, a esperança, a curiosidade, o compromisso, o ver o desenvolvimento de seres humanos únicos e irrepetíveis. Aqui também reside a *imortalidade* do professor, a sua intemporalidade porque continua a viver nos olhares e nos corações dos seus alunos, como podemos ver nas narrativas que se seguem.

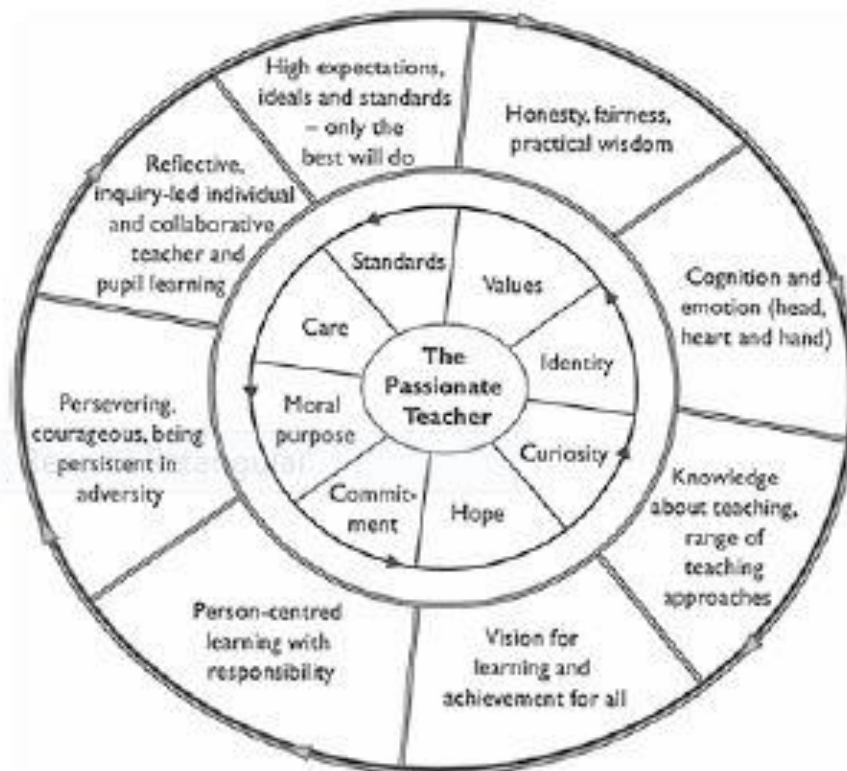


Figure 1.1 The Passionate Teacher.

(Day, 2004)

Como refere Rampa, 2012:

Passionate teachers are characterised by enthusiasm, intellectual emotion, emotional energy and commitment (De Cooman, Gieter, Pepermans, Du Bois, Caers & Jegers, 2007; Manuel & Hughes, 2006). In working with learners, they have a sense of identity, and believe they can make a difference to the learning and achievement of learners. As a result, passion for teaching makes a contribution to understanding and improving the teaching profession and brings new insight into the work and lives of teachers. Growing and sustaining such passion is intimately connected with teachers’ commitment; and commitment is related to teachers’ sense of professional emotional identity. It is this combination of the emotional and intellectual capacities which results best in teaching practices; what Day (2007) characterises as a passion for teaching.

5. Uma profissão imortal

Como referiu Rubem Alves “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais (Alves, 2006). Tocamos aqui num

dimensão essencial da profissão: o reconhecimento, a gratidão manifestada pelos alunos, enunciada, muitas vezes muitos anos depois. Nas narrativas que aqui apresentamos, esta é, provavelmente, a marca de água da gratificação:

Admirava-o e admiro-o profundamente pela sua sabedoria, pela forma fantástica como me interpelava. O fascínio conduziu-me à minha profissão e ao caminho para quem eu sou. Sinto uma gratidão profunda. (1)

contribuiu, talvez decisivamente, para que se tornasse mais claro em mim o entusiasmo que me tem acompanhado na minha carreira como professor. (6)

Ela nunca desistiu de nenhum de nós, sempre acreditou nas nossas capacidades e isso fez de nós alunos resilientes. (11)

quando as coisas não estavam a correr conforme o previsto, a professora oferecia-nos um colo coletivo que nos dava alento no sentido de continuarmos a ter coragem para vencer os obstáculos seguintes. Desta forma, fez-nos perceber que aprender nem sempre é fácil, mas que, com compreensão, apoio e carinho, todos conseguimos chegar mais longe. (13)

Mas acima de tudo, o entusiasmo e paixão que transmitia ao lecionar (30)

6. Uma profissão autoral

Não obstante as ameaças de subordinação, domesticação e proletarização funcional, esta é uma profissão que se cria permanentemente. Porque os conhecimentos estão sempre a evoluir, porque os enigmas não cessam de crescer, porque os alunos não deixam de permanentemente de nos interpelar. E por isso é pertinente lembrar que os professores não são apenas atores que desempenham um papel que outros escreveram. Eles têm de ser os autores das próprias “peças” que desenvolvem em palco. Daí a pertinência do conceito de agência

The concept of agency is based on the understanding that people do not merely react to and repeat given practices. Rather, they have a capacity for autonomous action, wherein they intentionally transform and refine their worlds, taking control of their lives.

E porque é uma profissão *autoral* é também um exercício de autoridade. É bom lembrar que a autoridade do professor não se decreta. Pode haver circunstâncias políticas e normativas que a promovam. Mas, no limite, a autoridade docente só pode ser construída na ação e na interação que mantém com os alunos e os pares. Porque ela só existe se for reconhecida pelos outros. Como também já escrevi:

A autoridade docente é uma condição sine qua non para que exista uma boa relação pedagógica, um clima de aula favorável à aprendizagem e o ensino possa existir de modo eficaz.

Ora, face à heterogeneidade dos alunos, à desvinculação da escola, ao perçecionado sem sentido de algumas das suas práticas, os novos públicos que são obrigados a andar na escola desafiam a autoridade do professor e exigem posturas mais assertivas e inclusivas.

Precisamos de uma autoridade que nos faça ver. Que nos faça fazer querer. Que nos faça acreditar que podemos ser melhores. Que nos faça crescer (sendo este o sentido etimológico da palavra). Que nos faça ultrapassar a miopia e a cegueira onde nos enredamos. Que nos faça agir no desafio, na exigência, na ultrapassagem dos rasteiros limites. (Alves, 2019).

Que estas narrativas nos animem e nos consolem nos tempos críticos e turbulentos que vivemos. E com uma última palavra de gratidão a todos os que quiseram fazer parte desta obra colaborativa.

Referências

- Alves, J. (2019). Da autoridade. *Terrear*. <https://terrear.blogspot.com/2019/01/linha-de-horizonte-4-da-autoridade.html?q=autoridade>
- Alves, J. (2000). *O Primeiro de todos os ofícios*. Porto: Edições ASA
- Alves, R. (2006). *A Alegria de ensinar*. Porto: Edições ASA
- Bourdieu, P. (1987). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 5, pp. 101-120
- Cunha, P. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa
- Day, C. (2004). *A Passion for teaching*. Londres: Routledge
- Legrand, L. (1988), recensão a Meirieu, Apprendre, ... oui, mais comment ?/Préface de Guy Avanzini. - Paris : ESF, 1987. *Revue française de pédagogie*, No. 83 (abril, maio, junho, 1988), pp. 112-114

Guerra, M. (2001). *A Escola que aprende*. Porto: Edições ASA

Hadar, L. & Benish-Weisman, M. (2019). Teachers' agency: Do their values make a difference? *British Educational Research Journal*, Vol. 45, No. 1, February 2019, pp. 137–160, DOI: 10.1002/berj.3489

Rampa, S. (2012). Passion for teaching: A qualitative study. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 47 (2012) 1281 – 1285 1877-0428 © 2012 Published by Elsevier Ltd